

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalerunt

Ano LI, número 38 (2.663)

Cidade do Vaticano

terça-feira 22 de setembro de 2020

APELO NO ANGELUS

Formar os jovens no cuidado da dignidade humana e da casa comum



NESTE NÚMERO

Pág. 2: Discurso a uma delegação do projeto europeu Snapshots from the borders; Um site por semana; *pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira, 16 de setembro; *pág. 4:* Para contemplar o mundo é preciso entrar nele, por Andrea Monda; Encíclica para todos os irmãos e irmãs, por Andrea Tornielli; *pág. 5:* Aos participantes no encontro anual da Sociedade internacional de ginecologia oncológica; *pág. 6:* Discurso às Comunidades Laudato si'; *pág. 7:* Prefácio do Papa Francisco ao livro «Per un sapere della pace» («Por um saber da paz»); *pág. 8:* Carta da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos; *pág. 9:* Discurso aos familiares das vítimas da tragédia de Corinaldo (Itália); *pág. 10:* Em Aparecida, a oração nunca parou; *pág. 11:* Informações; Novo embaixador do Iraque apresentou credenciais; *pág. 12:* Angelus de domingo, 20 de setembro.

Discurso a uma delegação do projeto europeu Snapshots from the borders

As fronteiras não sejam barreiras de divisão mas janelas abertas ao acolhimento

«As fronteiras, desde sempre consideradas como barreiras de divisão, podem ao contrário tornar-se “janelas”, espaços de conhecimento mútuo, de enriquecimento recíproco, de comunhão na diversidade; lugares nos quais se experimentam modelos para superar as dificuldades que os recém-chegados representam para as comunidades autóctones». Foram os votos do Papa no discurso que dirigiu a uma delegação de pessoas comprometidas no projeto europeu Snapshots from the borders que recebeu em audiência na manhã de 20 de setembro na Sala Clementina.

Estimados irmãos e irmãs!

Dou as boas-vindas a vós que aderistes ao projeto “Snapshots from the borders”. Agradeço ao senhor Salvatore Martello, presidente da câmara municipal de Lampedusa e Linosa, as palavras que me dirigiu em nome de todos. E agradeço também por esta bonita cruz, tão significativa, que trouxestes. Obrigado.

O vosso é um projeto clarificante. O seu objetivo é promover uma compreensão mais profunda da migração, permitindo que as sociedades europeias deem uma resposta mais humana e coordenada aos desafios da migração contemporânea. A rede de autoridades locais e organizações da sociedade civil, que nasceu deste projeto, visa contribuir positivamente para o desenvolvimento de políticas migratórias que respondam a esta finalidade.

O atual cenário da migração é complexo e muitas vezes tem implicações dramáticas. As interdependências globais que determinam os fluxos migratórios precisam de ser estudadas e melhor compreendidas. Há múltiplos desafios que interpellam todos. Ninguém pode ficar indiferente às tragédias humanas que continuam a verificar-se em diferentes regiões do mundo. Entre elas, somos frequentemente interpelados pelas que têm como teatro o Mediterrâneo, um mar de fronteira, mas também um mar onde as culturas se encontram.

Em fevereiro passado, durante o Encontro – muito positivo – com os Bispos do Mediterrâneo, em Bari, recordei que «entre as pessoas mais atribuladas na área do Mediterrâneo, contam-se as que fogem da guerra ou deixam a sua terra em busca duma vida digna do homem. [...] Estamos cientes de que, em vários contextos sociais, se difundiu um sentido de indiferença e até de rejeição [...]. A comunidade internacional limitou-se às intervenções militares, quando deveria construir instituições



que garantissem oportunidades iguais e situações onde os cidadãos tivessem possibilidades de se encarregar do bem comum [...]. Ao mesmo tempo não aceitaremos jamais que pessoas que procuram por mar a esperança morram sem receber socorro [...]. Obviamente, a hospitalidade e uma integração digna são etapas dum processo não fácil; mas é impensável poder enfrentá-lo levantando muros» (Discurso, 23 de fevereiro de 2020).

Face a estes desafios, é evidente que a solidariedade concreta e a res-

ponsabilidade partilhada, tanto a nível nacional como internacional, são indispensáveis. «A atual pandemia pôs em evidência a nossa interdependência: estamos todos ligados uns aos outros, tanto no mal como no bem» (Audiência geral, 2 de setembro de 2020). Devemos agir em conjunto, não sozinhos.

Também é essencial mudar a forma de ver e narrar a migração: trata-se de colocar no centro pessoas, rostos, histórias. Nisto consiste a importância de projetos, como aquele que promoveis, que procuram pro-

por abordagens diferentes, inspiradas na cultura do encontro, que é o caminho para um novo humanismo. E quando digo “novo humanismo” não o quero dizer apenas como uma filosofia de vida, mas também como uma espiritualidade, como um estilo de comportamento.

Os habitantes das cidades e territórios fronteiriços – as sociedades, as comunidades, as Igrejas – estão chamados a ser os primeiros atores desta viragem, graças às contínuas oportunidades de encontro que a história lhes oferece. As fronteiras, que sempre foram consideradas como barreiras de divisão, ao contrário, podem tornar-se “janelas”, espaços de conhecimento recíproco, de enriquecimento mútuo, de comunhão na diversidade; podem tornar-se lugares onde se experimentam modelos para superar as dificuldades que os recém-chegados representam para as comunidades autóctones.

Encorajo-vos a continuar o trabalho em conjunto pela cultura do encontro e da solidariedade. Que o Senhor abençoe os vossos esforços neste sentido, e que Nossa Senhora proteja a vós e às pessoas a favor das quais trabalhais. Rezo por vós, e vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Que o Senhor vos abençoe a todos, ao vosso trabalho e aos vossos esforços para ir em frente nesta direção. Obrigado.

Um site por semana

Caritas internationalis

Em primeiro plano, a atual emergência no Líbano. Inaugurado em 2000, o website da Caritas internationalis é publicado em três línguas e foi redefinido várias vezes, até alcançar atualmente uma média de cinquenta mil utilizadores por mês, originários de mais de 200 países. Os principais visitantes do site são dos Estados Unidos, do México e da Espanha. O abraço da Confederação de 162 organizações caritativas, fundada em 1951, cujo “competente” é o Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral, não conhece fronteiras e alarga-se aos cinco continentes com uma organização que, no momento da manifestação de uma crise, é capaz de se colocar prontamente em ação a favor dos mais frágeis. Como o Papa Francisco realçou na audiência de 27 de maio de 2019, concedida aos participantes na XXI assembleia geral da Caritas internationalis: «Se considerássemos a caridade como uma prestação, a Igreja tornar-se-ia uma agência humanitária, e o serviço da cari-



dade um seu “departamento logístico”. Mas a Igreja não é nada disto, é algo diferente e muito maior: é, em Cristo, o sinal e o instrumento do amor de Deus pela humanidade e por toda a criação, nossa casa comum». Uma das páginas mais visitadas de caritas.org é um artigo publicado em 2016, que contém dez perguntas frequentes a respeito da migração. E está constantemente entre as três páginas mais lidas do site.

www.caritas.org

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum. Non praevalent

Cidade do Vaticano
redazione.portoghese.or@spc.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas.or@spc.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora Santuário, Televendas: 08000160004 ou 00351231042000. E-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redazione.system@ilsol24ore.com

CATEQUESE

Abusar da natureza é um um pecado grave

Uma revolução pacífica para curar a casa comum

Um elogio àqueles «movimentos, associações, grupos populares, que se comprometem para tutelar o próprio território com os seus valores naturais e culturais»; às «realidades sociais nem sempre apreciadas» — aliás por «vezes até impedidas» — mas que «contribuem para uma revolução pacífica» para poder «deixar uma herança à futura geração», foi feito pelo Papa Francisco na audiência geral de quarta-feira, 16 de setembro, no Pátio de São Dâmaso do Palácio apostólico do Vaticano. Prosseguindo o ciclo de catequeses sobre o tema «Curar o mundo» neste tempo de pandemia, o Pontífice, partindo da leitura bíblica tirada de Génesis 2, 8-9.15, ofereceu uma reflexão sobre «Cura da casa comum e atitude contemplativa».

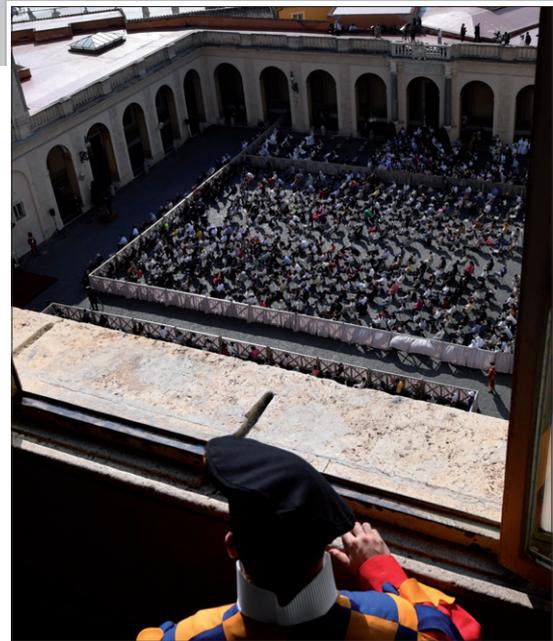
Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Para sair de uma pandemia, é preciso cuidar-se e cuidar uns dos outros. E devemos apoiar aqueles que cuidam dos mais doentes, dos doentes e dos idosos. Há o hábito de deixar os idosos de lado, de os abandonar: isso é mau. Estas pessoas — bem definidas pelo termo espanhol «cuidadores», aqueles que cuidam dos doentes — desempenham um papel essencial na sociedade atual, mesmo que muitas vezes não recebam o reconhecimento nem a remuneração que merecem. Cuidar é uma regra de ouro da nossa condição humana, e traz consigo saúde e esperança (cf. Enc. *Laudato si'* [LS], 70). Cuidar dos doentes, dos necessitados, dos abandonados: esta é uma riqueza humana e também cristã.

Devemos de igual modo dirigir este cuidado à nossa casa comum: à terra e a cada criatura. Todas as formas de vida estão interligadas (cf. *ibid.*, 137-138), e a nossa saúde depende da saúde dos ecossistemas que Deus criou e dos quais Ele nos encarregou de cuidar (cf. *Gn* 2, 15). Por outro lado, abusar deles, é um pecado grave que prejudica, que é prejudicial e que nos deixa doentes (cf. LS, 8; 66). O melhor antídoto contra este mau uso da nossa casa comum é a contemplação (cf. *ibid.*, 85; 214). Mas porquê? Não há vacina para isto, para o cuidado da casa comum, para não a pôr de lado? Qual é o antídoto contra a doença de não tomar conta da casa comum? É a contemplação. «Quando não se aprende a parar a fim de admirar e apreciar o que é belo, não surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos» (*ibid.*, 215). Também no respeitante ao «descartável». No entanto, a nossa casa comum, a criação, não é um mero «recurso». As criaturas têm um valor em si mesmas e «refletem, cada uma à sua maneira, um raio da infinita sabedoria e bondade de Deus» (*Catecismo da Igreja Católica*, 339). Este valor e este raio de luz divina devem ser descobertos e,

para os descobrirmos, precisamos de estar em silêncio, precisamos de ouvir, e precisamos de contemplar. Também a contemplação cura a alma.

Sem contemplação, é fácil cair num antropocentrismo desequilibrado e soberbo, o «Eu» no centro de tudo, que sobredimensiona o nosso papel como seres humanos, posicionando-nos como dominadores absolutos de todas as outras criaturas. Uma interpretação distorcida dos textos bíblicos sobre a criação contribuiu para esta má interpretação, que leva à exploração da terra a ponto de a sufocar. Exploração da criação: este é o pecado. Julgamos que estamos no centro, pretendendo ocupar o lugar de Deus e assim arruinamos a harmonia da criação, a harmonia do desígnio de Deus. Tornamo-nos predadores, esquecendo a nossa vocação como guardiões da vida. Certamente, podemos e devemos trabalhar a terra para viver e nos desenvolver. Mas trabalho não é sinónimo de exploração, e está sempre acompanhado de cuidado: lavar e proteger, trabalhar e cuidar... Esta é a nossa missão (cf. *Gn* 2, 15). Não podemos pretender continuar a crescer a nível material, sem cuidarmos da casa comum que nos acolhe. Os nossos irmãos e irmãs mais pobres e a nossa mãe terra gemem pelos danos e injustiças que



causámos e reclamam outro rumo. Reclamam de nós uma conversão, uma mudança de rumo: cuidar também da terra, da criação.

É, pois, importante recuperar a dimensão contemplativa, ou seja, olhar para a terra, para a criação como um dom, e não como algo a ser explorado para fins lucrativos. Quando contemplamos, descobrimos nos outros e na natureza algo muito maior do que a sua utilidade. Eis o cerne do problema: contemplar é ir além da utilidade de uma coisa. Contemplar a beleza não significa explorá-la: contemplar é gratuidade. Descobrimos o valor intrínseco das coisas que lhes foi dado por Deus. Como muitos mestres espirituais nos ensinaram, o céu, a terra, o mar, cada criatura possui esta capacidade icónica, esta capacidade mística de nos reconduzir ao Criador e à comunhão com a criação. Por exemplo, Santo Inácio de Loyola, no final dos seus Exercícios espirituais, convida-nos a «Contemplar para chegar ao amor», ou seja, a considerar como Deus olha para as suas criaturas e alegrar-se com elas; a descobrir a presença de Deus nas suas criatu-

ras e, com liberdade e graça, amá-las e cuidar delas.

A contemplação, que nos leva a uma atitude de cuidado, não significa olhar para a natureza de fora, como se não estivéssemos imersos nela. Mas estamos dentro da natureza, somos parte da natureza. Pelo contrário, partimos do interior, reconhecendo-nos como parte da criação, tornando-nos protagonistas e não meros espetadores de uma realidade amorfa apenas para ser explorada. Aqueles que contemplam desta forma sentem-se maravilhados não só pelo que veem, mas também porque se sentem parte integrante desta beleza; e inclusive se sentem chamados a preservá-la, a protegê-la. E há uma coisa que não devemos esquecer: quem não sabe contemplar a natureza e a criação, não sabe contemplar as pessoas na sua riqueza. E quem vive para explorar a natureza, acaba por explorar as pessoas e tratá-las como escravas. Esta é uma lei universal: se não se sabe contemplar a natureza, será muito difícil saber contemplar as pessoas, a beleza das pessoas, o irmão, a irmã.

Quem sabe contemplar, mais facilmente se porá em ação para mudar o que produz degradação e danos à saúde. Comprometer-se-á a educar e promover novos hábitos de produção e consumo, a contribuir para um novo modelo de crescimento económico que garanta o respeito pela casa comum e o respeito pelas pessoas. O contemplativo em ação tende a tornar-se o guardião do meio ambiente: isto é muito bom! Cada um de nós deve ser guardião do meio ambiente, da pureza do meio ambiente, procurando conjugar saberes ancestrais de culturas milenares com novos conhecimentos técnicos, de modo a que o nosso estilo de vida seja



“Fratelli tutti”, um texto universal dirigido ao coração de cada pessoa



Para contemplar o mundo é preciso entrar nele

ANDREA MONDA

Um recente tweet enviado através da conta *Pontifex*, o Papa Francisco quis recordar que «O crente contempla o mundo não como alguém que está fora dele, mas dentro, reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres».

Apesar da sua necessária brevidade, o texto é tão denso que é muito imprudente, com um artigo de jornal, ter a pretensão de esgotar todo o seu tesouro de significados escondidos, mas vale a pena destacar alguns dos seus aspectos.

Em primeiro lugar, o Papa convida-nos a contemplar o mundo. Isto pode surpreender quem está habituado a olhar para o mundo com sentimentos mistos de medo e desconfiança, que levam a atitudes de defesa e de julgamento.

Não, não olhar, diz o Papa, mas contemplar. O termo escolhido é particular, exato, exigente. Há poucos dias, neste jornal, o teólogo Giovanni Cesare Pagazzi recordou a primeira carta pastoral do cardeal Martini, há 40 anos novo arcebispo de Milão, sobre a “dimensão contemplativa da vida”, concentrando-se no significado etimológico do verbo para quem «a contemplação é uma atividade que visa o céu, o depois, o além, a profundidade... em relação àquilo que normalmente está disponível. O que na vida é comum e diário seria superficial, enquanto que a contemplação aspira à profundidade ou à altura. Ao contrário, afirmar que a vida é inteiramente contemplável significa admitir a profundidade do que emerge na superfície de todos os dias».

Este é o ponto de partida também da redação deste jornal, «L'Osservatore Romano» que, todos os dias, não quer olhar mas “contemplar” o mundo, indo além do que sobressai na superfi-

cie e procurando ser “inteligente”, *intus-legere*. Deste ponto de vista, o projeto que nas próximas semanas levará a um reinício do diário também na edição em papel, move-se precisamente nesta linha, privilegiando a dimensão do aprofundamento sobre aquela do simples noticiário.

Portanto, ler dentro, exatamente como o Papa pede no seu tweet. O que significa que «o mundo não se contempla como alguém que está fora dele, mas dentro»? A imagem, frequentemente utilizada em função do mistério da Igreja, é a dos vitrais: permanecendo fora de uma igreja não se capta a beleza de um vitral, mas entrando na igreja (e na Igreja), os vitrais brilham em todo o seu esplendor graças à luz que passa através deles. Só entrando na vida da Igreja é possível apreender toda a sua profundidade e riqueza, caso contrário corre-se o risco de a julgar aplicando categorias que não têm em consideração esta complexidade e de a reduzir a uma realidade meramente humana, sociopolítica, a uma “ONG caritativa”, como Francisco repetiu frequentemente, desde o início do seu pontificado. Contudo, neste tweet o Papa não fala da Igreja mas do mundo e convida o crente a atravessá-lo, a entrar nele para o contemplar a partir de dentro. E o crente não pode deixar de o fazer, não só porque é o Papa que o pede, mas porque foi isto que Deus fez em Jesus. É o mistério da Encarnação, cerne da fé cristã. Deus não ficou fora do mundo por Ele criado, não parou para o admirar como se fosse um “espetáculo”, mas mergulhou nele, imergindo-se até ao abismo mais profundo, à morte e à morte de cruz, para fazer resplandecer aquele desígnio de amor inscrito no ato da criação. Projeto de amor constituído pelos “laços” de que o Papa fala: laços verticais, entre nós homens e o Pai Criador, e laços horizontais, que nos unem a todos

os seres, em primeiro lugar o laço da fraternidade. Este é o tema da nova carta encíclica do Papa, da qual até agora o mundo conhece apenas as duas primeiras palavras, tiradas de uma citação de São Francisco de Assis: «Fratelli tutti» (“Todos irmãos”). Este é um nó, o dos vínculos, central para o Papa, que o abordou muitas vezes; e também na sua Mensagem para o dia mundial das comunicações sociais convidou os homens a redescobrir o gosto pela narração de histórias, daqueles “tecidos” que mantêm unidos os fios que ligam todas as existências umas às outras no espaço, assim como todas as gerações no tempo.

É sobretudo este o caminho da *kenosis* de Jesus, que se fez homem e viveu a condição humana em todas as suas dimensões. O crente, a Igreja, são convidados a fazer o mesmo; não podem agir de outro modo. É muito significativo o detalhe que, no Evangelho de Mateus, Jesus usa o termo “irmãos” para indicar os seus amigos na última página, no final, depois da sua paixão e morte, quando ressuscita e diz: «Ide dizer aos meus irmãos que partam para a Galileia, lá me verão» (*Mt* 28, 10). Quer dizer que ser “irmãos/irmãs” não é unicamente uma condição inicial, uma condição “herdada”, dado que todos têm uma origem comum na criação de Deus, mas é inclusive um processo, uma meta que deve e pode ser conquistada, mas contanto que compartilhem em tudo, “a partir de dentro”, a vida dos outros seres aos quais já estamos unidos. Significa carregar a cruz (e por conseguinte também morrer) por amor aos outros seres. Portanto, podemos dizer “irmãos/irmãs”, unicamente se tivermos contemplado o mundo a partir de dentro, não se tivermos olhado para ele de fora, como um espetáculo para julgar e talvez condenar.

Encíclica para todos os irmãos e irmãs

ANDREA TORNIELLI

«Fratelli tutti» (“Todos irmãos”) é o título que o Papa escolheu para a sua nova encíclica dedicada, como se lê no subtítulo, à “fraternidade” e à “amizade social”. O título original em língua italiana permanecerá tal – e portanto sem ser traduzido – em todas as línguas em que o documento for divulgado. Como se sabe, as primeiras palavras da nova “carta circular” (este é o significado do termo “encíclica”) inspiram-se no grande Santo de Assis de quem o Papa Francisco escolheu o nome.

Enquanto esperamos conhecer o conteúdo desta mensagem, que o Sucessor de Pedro pretende dirigir a toda a humanidade e que assinará no próximo dia 3 de outubro diante do túmulo do Santo, nos últimos dias assistimos a debates a propósito do único dado disponível, isto é, o título e o seu significado. Dado que se trata de uma citação de São Francisco (que se encontra nas *Admoestações*, 6, 1: *FF* 155), o Papa obviamente não a modificou. Mas seria absurdo pensar que o título, na sua formulação, contém alguma intenção de excluir dos destinatários mais de metade dos seres humanos, ou seja, as mulheres.

Pelo contrário, Francisco escolheu as palavras do Santo de Assis para inaugurar uma reflexão com a qual se preocupa muito, sobre a fraternidade e a amizade social e, portanto, tenciona dirigir-se a todas as irmãs e irmãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade que povoam a terra. A todos, de modo inclusivo e nunca exclusivo. Vivemos num tempo marcado por guerras, pobreza, migrações, alterações climáticas, crise económica, pandemia: reconhecer-nos irmãos e irmãs, ver em quem encontramos um irmão e uma irmã; e para os cristãos, reconhecer no outro que sofre a face de Jesus, é uma maneira de reafirmar a dignidade irredutível de cada ser humano criado à imagem de Deus. É também uma forma de recordarmos que das dificuldades correntes nunca poderemos sair sozinhos, uns contra os outros, o Norte contra o Sul do mundo, ricos contra pobres.

No passado dia 27 de março, em plena pandemia, o Bispo de Roma rezou pela salvação de todos numa praça de São Pedro vazia, sob a chuva torrencial, acompanhado unicamente pelo olhar doloroso do Crucificado de São Marcelo e pelo olhar amoroso de Maria Salus Populi Romani. «Com a tempestade – disse Francesco – desfez-se a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos». O tema central da carta papal é esta “abençoada pertença comum” que nos torna irmãos e irmãs.

Fraternidade e amizade social, os temas apontados no subtítulo, indicam o que une homens e mulheres, um afeto que se estabelece entre pessoas que não são parentes de sangue e que se exprime através de gestos benevolentes, com formas de ajuda e ações generosas em momentos de necessidade. Um afeto abnegado pelos outros seres humanos, prescindindo de qualquer diferença e pertença. Por este motivo, não é possível que haja interpretações erradas nem leituras parciais da mensagem universal e inclusiva das palavras “Todos irmãos”.

Francisco preocupado com o risco de que a dimensão humana do tratamento seja deixada à “boa vontade” de cada médico

O doente é sempre mais que um protocolo clínico

A economia não entre no sector dos cuidados de saúde penalizando a relação com os pacientes

«A pessoa doente é sempre mais — muito mais! — do que o protocolo dentro do qual se enquadra sob um ponto de vista clínico», realçou o Papa no discurso aos participantes no encontro anual da Sociedade internacional de ginecologia oncológica, recebidos em audiência a 11 de setembro, na Sala Paulo VI.

Prezados Senhores e Senhoras, bom dia!

Saúdo-vos cordialmente e agradeço-vos esta visita por ocasião do encontro anual da *International Gynecologic Cancer Society*. Isto dá-me a oportunidade de conhecer e apreciar o empenho da vossa Associação em favor das mulheres que enfrentam doenças tão difíceis e complexas. Agradeço a saudação do vosso Presidente, Prof. Roberto Angioli, que promoveu esta iniciativa.

Sinto-me feliz por receber as representantes de várias associações, especialmente as ex-pacientes, que encorajam a partilha e o apoio mútuo. No vosso valioso serviço, estais bem conscientes da importância de criar laços de solidariedade entre doentes com patologias graves, envolvendo familiares e profissionais de saúde numa relação de ajuda mútua. Isto torna-se ainda mais valioso quando se confronta com doenças que podem comprometer seriamente, ou prejudicar, a fertilidade e a maternidade. Nestas situações, que têm um profundo impacto na vida de uma mulher, é essencial cuidar, com grande sensibilidade e respeito, da condi-

ção — psicológica, relacional, espiritual — de cada paciente.

Por esta razão, não posso deixar de encorajar o vosso empenho em considerar estas dimensões de cuidados integrais, mesmo nos casos em que o tratamento é essencialmente paliativo. Nesta perspectiva, torna-se muito útil envolver pessoas que são capazes de partilhar o percurso da cura, dando uma contribuição de confiança, esperança e amor. Todos sabemos — e também foi demonstrado — que viver em boas relações ajuda e apoia os doentes ao longo de todo o caminho dos tratamentos, reacendendo ou aumentando a esperança. É precisamente a proximidade do amor que abre as portas à esperança, e também à cura.

A pessoa doente é sempre muito mais do que protocolo — muito mais! — dentro do qual ela é enquadra-

drada sob um ponto de vista clínico — e deve ser feito —. É prova disso que quando o doente vê reconhecida a sua singularidade — a vossa experiência pode confirmá-lo — aumenta ainda mais a confiança na equipa médica e num horizonte positivo.

É meu desejo, e não tenho dúvidas de que também é o vosso, que tudo isto não só continue a ser a expressão de um ideal, mas encontre cada vez mais espaço e reconhecimento dentro dos sistemas de saúde. Frequentemente com razão afirma-se que a relação, o encontro com o pessoal da saúde, faz parte dos cuidados. Que grande benefício oferece aos doentes ter a oportunidade de abrir livremente os seus corações e confiar na sua condição e situação! Também a possibilidade de chorar com confiança. Isto abre horizontes e ajuda a

curar. Ou, pelo menos, a suportar bem a doença terminal.

No entanto, em termos concretos, como desenvolver esta grande necessidade dentro da organização hospitalar, que está fortemente condicionada por exigências de funcionalidade? Permite que eu expresse tristeza e preocupação sobre o risco bastante generalizado de deixar a dimensão humana do cuidado de pessoas doentes à “boa vontade” do médico, em vez de a considerar — tal como é — parte integrante da atividade de cuidados oferecida pelas estruturas de saúde.

Não se deve permitir que a economia entre de maneira tão prepotente no mundo dos cuidados médicos, a ponto de penalizar aspetos essenciais tais como a relação com os doentes. Neste sentido, são louváveis as várias associações sem fins lucrativos que colocam os doentes no centro, apoiando as suas necessidades e questões legítimas e dando voz àqueles que, devido à fragilidade da sua condição pessoal, económica e social, não conseguem fazer-se ouvir.

Sem dúvida, a pesquisa requer um forte compromisso económico, isto é verdade. Contudo, penso que se pode encontrar um equilíbrio entre os vários fatores. No entanto, o primeiro lugar deve ser dado às pessoas, neste caso às mulheres doentes, mas também — não esqueçamos — ao pessoal que lida com elas diariamente, para que possam trabalhar em condições adequadas, e dispor de tempo para descansar e recuperar as suas forças para poderem continuar.

Encorajo-vos a divulgar os valiosos resultados dos vossos estudos e pesquisas no mundo, em benefício das mulheres das quais vos ocupais. Mas apesar das suas dificuldades, elas lembram-nos aspetos da vida que por vezes esquecemos, tais como a precariedade da nossa existência, a necessidade uns dos outros, a insensatez da vida centrada apenas em nós mesmos, a realidade da morte como parte da própria vida. A condição de doença recorda aquela atitude decisiva para o ser humano que é confiar-se: confiar-se ao outro irmão e irmã, e ao Outro com letra maiúscula que é o nosso Pai celestial. Recorda também o valor da proximidade, de se tornar próximo, como Jesus nos ensina na parábola do Bom Samaritano (cf. *Lc* 10, 25-37). Quanto, quanto cura uma carícia no momento certo! Sabeis isto melhor do que eu.

Caros amigos, desejo-vos o melhor para o vosso trabalho. Sobre vós e as vossas famílias, sobre os vossos associados e sobre aqueles dos quais cuidais, invoco a bênção de Deus. Abençoo-vos a todos. Todos vós, cada um com a própria fé, a própria tradição religiosa. Mas Deus é Único para todos. Abençoo-vos a todos. Invoco a bênção de Deus, fonte de esperança, força e paz interior. Asseguro-vos a minha oração e — dizem que os padres pedem sempre! — concluo pedindo-vos que rezéis por mim, porque preciso disto. Obrigado.



Uma revolução pacífica para curar a casa comum

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

sempre sustentável.

Por fim, *contemplar e cuidar*: estas são duas atitudes que mostram o caminho para corrigir e reequilibrar a nossa relação como seres humanos com a criação. Muitas vezes, a nossa relação com a criação parece ser uma relação entre inimigos: destruir a criação em meu benefício; explorar a criação em meu proveito. Não esqueçamos que isto se paga caro; não esqueçamos aquele ditado espanhol: “Deus perdoo sempre; nós perdooamos de vez em quando; a natureza nunca perdooa”. Hoje estava a ler no jornal sobre aqueles dois grandes glaciares na Antártida, perto do Mar de Amundsen: eles estão prestes a desabar. Será terrível, porque o nível do mar subirá e isto causará muitas, muitas dificuldades e muito mal. E porquê? Por causa do sobreaquecimento, por não se cuidar do meio ambiente, por não se cuidar da casa comum. Por outro lado, quando tivermos esta relação — deixem-me dizer a palavra — “fraterna” no sentido figurativo com a criação, tornar-nosemos guardiões da casa comum,

guardiões da vida e guardiões da esperança, preservaremos o património que Deus nos confiou para que as gerações futuras o possam desfrutar. E alguns podem dizer: “Mas, eu safo-me desta maneira”. Mas o problema não é como te safas hoje — isto foi dito por um teólogo alemão, protestante, competente: Bonhoeffer — o problema não é como te desenrascas hoje; o problema é: qual será a herança, a vida da geração futura? Pensemos nos filhos, nos netos: que lhes deixaremos se explorarmos a criação? Protejamos este caminho para nos tornarmos “guardiões” da casa comum, guardiões da vida e da esperança. Preservemos o património que Deus nos confiou, para que as gerações futuras possam usufruir dele. Penso de modo especial nos povos indígenas, com os quais todos nós temos uma dívida de gratidão — até de penitência, para reparar o mal que lhes fizemos. Mas estou também a pensar nos movimentos, associações, grupos populares, que estão comprometidos a tutelar o próprio território com os seus valores naturais e culturais. Estas realidades sociais nem sempre são

apreciadas, por vezes são até impedidas, porque não produzem dinheiro; mas na realidade contribuem para uma revolução pacífica, poderíamos chamar-lhe a “revolução do cuidado”. Contemplar para cuidar, contemplar para salvaguardar, preservar a nós, a criação, os nossos filhos, os nossos netos, e tutelar o futuro. Contemplar para cuidar e para preservar e deixar uma herança à futura geração.

Mas não se deve contudo delegar a alguns: aquilo que é tarefa de cada ser humano. Cada um de nós pode e deve tornar-se um “guardião da casa comum”, capaz de louvar a Deus pelas suas criaturas, de contemplar as criaturas e de as proteger.

No final da catequese, saudando os fiéis, disse aos de língua portuguesa.

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Convido a cada um a descobrir a presença de Deus nas suas criaturas, aprendendo sempre mais a amá-las, cuidá-las e protegê-las. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

No discurso às Comunidades Laudato si', o Papa fez votos de que ecologia e equidade prossigam de mãos dadas

A saúde do homem não pode prescindir daquela do meio ambiente

«A saúde do homem não pode prescindir daquela do ambiente onde vive», reiterou Francisco durante a audiência aos participantes no encontro das Comunidades Laudato si', recebidos a 12 de setembro. Carlo Petrini — um dos promotores da iniciativa juntamente com o bispo de Rieti, D. Domenico Pompili, que também estava na Sala Paulo VI — saudou o Papa em nome dos presentes, ilustrando as linhas-guia do movimento, que hoje está empenhado em três frentes: a educativa, com «a difusão da encíclica e da educação ambiental»; a das «boas e pequenas práticas quotidianas, que têm um valor incrível»; e a da denúncia, quando «há abusos perpetrados contra a nossa mãe terra». Petrini salientou também o valor da fraternidade universal, lembrando que a fraternidade «sem afeto e sem amor» não se torna «substância». Em seguida o discurso pronunciado pelo Papa.



Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Saúdo-vos e, ao saudar-vos, desejo alcançar todos os membros das *Comunidades Laudato si'* em Itália e em todo o mundo. Agradeço ao Senhor Carlo Petrini na minha língua paterna, não materna: “Carlin”. Colocastes a *ecologia integral* proposta pela Encíclica *Laudato si'* como força motriz por detrás de todas as vossas iniciativas. Integral, porque somos todos criaturas e tudo na criação está em relação, tudo está interligado. De facto, ousou dizer, tudo é harmonioso. Até a pandemia demonstrou isto: a saúde do homem não pode ser separada daquela do meio ambiente em que ele vive. É também evidente que as alterações climáticas não só perturbam o equilíbrio da natureza, mas também causam pobreza e fome, atingem os mais vulneráveis e por vezes os obriga a abandonar as suas terras. A negligência da criação e as injustiças sociais influenciam-se reciprocamente: pode dizer-se que não há ecologia sem equidade e que não há equidade sem ecologia.

Estais motivados a cuidar dos últimos e da criação, em conjunto, e quereis fazê-lo seguindo o exemplo de São Francisco de Assis, com mansidão e industriamente. Agradeço-vos por isto, e renovo o meu apelo para que vos comprometais a salvaguardar a nossa casa comum. Esta é uma tarefa que diz respeito a todos, especialmente aos responsáveis pelas nações e pelas atividades produtivas. É necessária uma vontade real de abordar as causas profundas das atuais convulsões climáticas. Os compromissos genéricos não são suficientes — palavras, palavras... — e não se pode olhar apenas para o consentimento imediato dos próprios eleitores ou financiadores. É preciso ser clarividente, caso contrário, a história não perdoará. Precisamos de trabalhar hoje para o amanhã de todos. Os jovens e os pobres pedir-nos-ão contas. Esse é o nosso desafio. Cito uma frase do teólogo

mártir Dietrich Bonhoeffer: o nosso desafio de hoje não é “como nos desentracaremos”, como vamos sair desta realidade; o nosso verdadeiro desafio é “como poderá ser a vida da próxima geração”: temos de pensar nisto!

Caros amigos, agora gostaria de partilhar convosco duas palavras-chave da ecologia integral: *contemplação e compaixão*.

Contemplação. Hoje, a natureza à nossa volta já não é admirada, contemplada, mas “devorada”. Tornámo-nos vorazes, dependentes do lucro e dos resultados imediatos e a qualquer preço. O olhar sobre a realidade é cada vez mais rápido, distraído, superficial, enquanto em pouco tempo se queimam as notícias e as florestas. Doentes de consumo. Esta é a nossa doença! Doentes de consumo. As pessoas atormentam-se pela última “app”, mas já não sabem os nomes dos seus vizinhos, muito menos sabem distinguir uma árvore de outra. E, o que é mais grave, com este estilo de vida perdemos as nossas raízes, perdemos a gratidão pelo que existe e por aqueles que no-lo deram. Para não esquecer, é preciso voltar à contemplação; para não ser distraído por mil coisas inúteis, é preciso encontrar o silêncio; para que o coração não fique doente, é preciso parar. Não é fácil. É necessário, por exemplo, libertar-nos da prisão do telemóvel, para olhar nos olhos dos que estão ao nosso lado e a criação que nos foi dada.

Contemplar é dedicar tempo ao silêncio, à oração, para que a harmonia, o equilíbrio saudável entre cabeça, coração e mãos, entre pensamento, sentimento e ação, regresse à alma. A contemplação é o antídoto para escolhas precipitadas, superficiais e inconclusivas. Aqueles que contemplam aprendem a sentir o terreno que os sustenta, compreendem que não estão sozinhos e sem sentido no mundo. Descubrem a ternura do olhar de Deus e compreendem que são preciosos. Cada um é importante aos olhos de Deus, cada um pode

transformar um pequeno mundo poluído pela voracidade humana na boa realidade desejada pelo Criador. Aqueles que sabem contemplar, de facto, não ficam de braços cruzados, mas fazem algo concreto. A contemplação leva-os a agir, a fazer.

Eis agora a segunda palavra: *compaixão*. É o fruto da contemplação. Como compreender que se é contemplativo, que se assimilou o olhar de Deus? Tem-se compaixão pelos outros — compaixão não é dizer: “Tenho pena de ti...”, compaixão é “sofrer com” — se se vai além de desculpas e teorias, para ver nos outros irmãos e irmãs a serem protegidos. Aquilo que disse Carlo Petrini no final sobre a imandade. Esta é a prova, porque é isto que o olhar de Deus faz, não obstante o mal que pensamos e fazemos, vê-nos sempre como filhos amados. Ele não vê indivíduos, mas filhos, ele vê-nos como irmãos e irmãs de uma única família, que vivem na mesma casa. Nunca somos estranhos aos seus olhos. A sua compaixão é o oposto da nossa indiferença. A indiferença — permitiu que o diga por outras palavras — é aquele desinteresse que entra no coração, na mentalidade, e que termina com um “que se desentrasque”. A compaixão é o oposto da indiferença.

Também nos diz respeito: a nossa compaixão é a melhor vacina contra a epidemia da indiferença. “Não me diz respeito”, “não depende de mim”, “não tenho nada a ver com o assunto”, “é um problema dele”: estes são os sintomas da indiferença. Há uma bela fotografia — já o disse outras vezes — tirada por um fotógrafo romano, está na Esmolaria. Numa noite de inverno, vê-se uma senhora de uma certa idade a sair de um restaurante de luxo, usando um casaco de peles, chapéu, luvas, bem agasalhada, sai depois de ter comido bem — o que não é pecado, comer bem! [riem-se] — e há outra mulher à porta, com uma muleta, mal vestida, pode ver-se que ela sente o frio... uma desabrigada, com a mão

estendida... E a senhora que sai do restaurante olha para o outro lado. A fotografia chama-se “Indiferença”. Quando vi a fotografia, chamei o fotógrafo para lhe dizer: “Fizeste bem em fotografar isto espontaneamente”, e disse-lhe para a colocar na Esmolaria. Para não cair no espírito da indiferença. Em vez disso, quem sente compaixão, passa do “eu não me importo contigo” para “tu és importante para mim”. Ou pelo menos “comoves o meu coração”. Mas a compaixão não é uma sensação agradável, não é pena, é criar uma nova ligação com o outro. Consiste em ocupar-se dele, como o Bom Samaritano que, movido pela compaixão, toma conta do infeliz que nem sequer conhece (cf. *Lc 10, 33-34*). O mundo precisa desta caridade criativa e ativa, pessoas que não ficam na frente de um ecrã a comentar, mas que sujam as mãos para remover a degradação e restaurar a dignidade. Ter compaixão é uma escolha: é escolher não ter inimigos para ver em cada um o *meu próximo*. E isto é uma escolha.

Não significa tornar-se indolente e não lutar. Pelo contrário, aqueles que têm compaixão entram numa dura luta diária contra o *descarte* e o *desperdício*, o descarte do próximo e o desperdício de coisas. Dói pensar quantas pessoas são descartadas sem compaixão: idosos, crianças, trabalhadores, pessoas com deficiência... Mas o desperdício de coisas é também escandaloso. A FAO documentou que, nos países industrializados, mais de um bilião de alimentos é deitado fora — mais de um bilião! Esta é a realidade. Ajudemo-nos uns aos outros, em conjunto, a lutar contra o descarte e o desperdício; exijamos escolhas políticas que conjuguem progresso e equidade, desenvolvimento e sustentabilidade para todos, a fim de que ninguém seja privado da terra em que vive, do bom ar que respira, da água que tem direito a beber e dos alimentos que tem direito a comer.

Estou certo de que os membros de cada uma das vossas comunidades não se contentarão com viver como espetadores, mas serão sempre protagonistas mansos e determinados na construção do futuro de todos. E tudo isto faz fraternidade. Trabalhar com e como irmãos. Construir a fraternidade universal. E este é o momento, este é o desafio de hoje. Desejo que alimenteis a contemplação e a compaixão, ingredientes indispensáveis da ecologia integral. Mais uma vez obrigado pela vossa presença e pelo vosso empenho. Obrigado pelas vossas orações. Aqueles de vós que rezam, peço-vos que rezais, e aqueles que não rezam, pelo menos enviai-me boas vibrações, preciso delas! [Risos, aplausos]

E agora gostaria de pedir a Deus que abençoe cada um de vós, abençoe o coração de todos, crentes ou não, seja qual for a sua tradição religiosa. Deus vos abençoe a todos. Amém.



A Virgem das Dores que chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano.
#TempoDaCriação

(@Pontifex_pt)



Francisco recomenda que se invista no estudo e na pesquisa para a formação dos jovens

Peritos em paz atentos aos sinais dos tempos

«Per un sapere della pace» (“Por um saber da paz”), é o título do livro publicado pela Libreria editrice vaticana (Cidade do Vaticano, 2020, 124 páginas) que começa com um prefácio do Papa Francisco. Editado por Gilfredo Marengo, vice-decano e professor ordinário de Antropologia teológica no pontifício Instituto teológico João Paulo II para as ciências do matrimônio e da família, o volume contém algumas reflexões dedicadas essencialmente ao tema da formação de “pacificadores” autênticos. Publicamos em seguida o texto do Pontífice que introduz a publicação.



A mudança de época que a humanidade vive é habitada por aquela que indiquei várias vezes como «uma terceira guerra mundial em pedaços». Bem sabemos como o receio de um conflito mundial, capaz de destruir a humanidade inteira, marcou o nosso passado recente. São João XXIII dedicou a sua última Encíclica ao tema da paz, dirigindo-a a todos os homens de boa vontade.¹ E como deixar de recordar o apelo sincero lançado por São Paulo VI à Assembleia das Nações Unidas: «Jamais uns contra os outros, nunca mais!» (4 de outubro de 1965)?

Infelizmente, devemos constatar que hoje o mundo ainda está mergulhado num clima de guerra e violência recíproca: esta dolorosa realidade não só exige que mantenhamos vivo o apelo à paz, mas quase nos obriga a colocar-nos interrogações decisivas.

Por que num mundo onde a globalização derrubou tantas fronteiras, onde todos — diz-se — estamos interligados, ainda se continua a praticar violência nas relações entre os indivíduos e as comunidades?

Por que quem é diferente de nós muitas vezes nos assusta, de tal forma que tomamos uma atitude de defesa e suspeita que demasiadas vezes se torna agressão hostil?

Por que os governos dos Estados julgam que mostrar a própria força, até com atos de guerra, pode conferir-lhes maior credibilidade aos olhos dos seus cidadãos e aumentar o consenso de que gozam?

A estas e a outras perguntas não se pode responder de maneira genérica e apressada. É necessário um compromisso de estudo, é preciso investir também a nível da pesquisa científica e da formação das novas gerações. Foi por estes motivos que considerei necessário instituir na Pontifícia Universidade Lateranense um *Ciclo de estudos sobre Ciências da paz*, a partir da convicção de que a Igreja é chamada a empenhar-se «na solução de problemas que afetam a paz, a concórdia, o meio ambiente, a defesa da vida, os direitos humanos e civis».²

Neste compromisso «desempenha um papel central o mundo universitário, lugar símbolo daquele humanismo integral que tem continuamente necessidade de ser renovado e enriquecido, para que saiba produzir uma corajosa renovação cultural que o momento atual exige. Este desafio interpela inclusive a Igreja que, com a sua rede mundial de Universidades eclesiais, pode “oferecer o decisivo contributo de fermento, sal e luz do Evangelho de Jesus Cristo e da Tradição viva da Igreja, sempre aberta a novos cenários e propostas”, como recordei recentemente, reformando o ordena-

mento dos estudos académicos nas Instituições eclesiais.³ Sem dúvida, isto não significa alterar o sentido institucional e as tradições consolidadas das nossas realidades académicas mas, pelo contrário, orientar a sua função na perspetiva de uma Igreja mais acentuadamente “em saída” e missionária. Com efeito, é possível enfrentar os desafios do mundo contemporâneo com uma capacidade de resposta adequada nos conteúdos e compatível na linguagem, antes de tudo dirigindo-se às novas gerações».⁴

O presente volume oferece uma primeira revisão de alguns dos centros de interesse deste novo empreendimento académico. É necessariamente interdisciplinar e expressa um fecundo diálogo entre filosofia, teologia, direito e história. Estou convicto de que um aprofundamento rigoroso destas linhas de investigação, alimentadas também pelas contribuições das ciências humanas, poderá fomentar o crescimento de um “saber da paz”, a fim de formar *pacificadores* verdadeiramente valiosos, prontos a colocar-se em jogo nos mais diversificados âmbitos da vida das nossas sociedades.

Gostaria de realçar que um bom *pacificador* deve ser capaz de amadurecer um olhar sobre o mundo e a história, que não caia num «excesso de diagnóstico», que nem sempre é acompanhado por propostas resolutivas e realmente aplicáveis.⁵ Com efeito, trata-se de ir além de uma abordagem puramente sociológica, que tenha a pretensão de abranger toda a realidade de uma forma neutra e assética. Quem deseja tornar-se especialista em Ciências da Paz tem necessidade de aprender a estar atento aos sinais dos tempos: o gosto pela investigação científica e pelo estudo deve ser acompanhado por um coração capaz de compartilhar «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de

hoje».⁶ a fim de saber fazer um verdadeiro discernimento evangélico.

Precisamos realmente de homens e mulheres bem preparados, dotados de todos os instrumentos necessários para ler e interpretar as dinâmicas sociais, económicas e políticas do nosso tempo. Comprometer-se nestes percursos de formação poderá ser uma válida ajuda para muitos jovens descobrirem que «a vocação laical é, antes de mais nada, a caridade na família, a caridade social e a caridade política: é um compromisso concreto nascido da fé para a construção de uma sociedade nova, é viver no meio do mundo e da sociedade para evangelizar as suas diversas instâncias, fazer crescer a paz, a convivência, a justiça, os direitos humanos, a misericórdia, e assim entender o Reino de Deus no mundo».⁷

Estou grato ao Prof. Marengo, que editou este volume, assim como aos relatores cujas contribuições abrem o caminho para o amadurecimento deste campo indispensável da investigação científica, destinado a alimentar práticas de paz e de concórdia entre os homens e os povos.

Franciscus

1. Carta enc. *Pacem in terris*, 11 de abril de 1963.
2. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 65.
3. Cf. Const. ap. *Veritatis gaudium*, 2.
4. *Carta ao Cardeal De Donatis, por ocasião da instituição do Curso de estudos sobre “Ciências da Paz”*, 12 de novembro de 2018.
5. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 50.
6. Conc. Ecum. Vat. II, Const. *Gaudium et spes*, 1.
7. Exort. ap. pós-sinodal *Christus vivit*, 168.

Carta aos presidentes das Conferências episcopais sobre a celebração da liturgia durante e após a pandemia de Covid-19

«Voltemos com alegria à Eucaristia!»

A Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos enviou aos presidentes das Conferências episcopais uma carta — divulgada na manhã de 12 de setembro — sobre a celebração da liturgia durante e após a pandemia de Covid-19. Publicamos a seguir o texto.

A pandemia causada pelo vírus Covid-19 causou transtornos não só nas dinâmicas sociais, familiares, econômicas, e nos campos da educação e do trabalho, mas também na vida da comunidade cristã, inclusive na dimensão litúrgica. A fim de impedir a propagação do vírus, foi necessário um distanciamento social rígido, que teve repercussões sobre um elemento fundamental da vida cristã: «Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, Eu estarei no meio deles» (Mt 18, 20); «Eles perseveravam no ensinamento dos apóstolos, na vida em comunidade, na fração do pão e nas orações. Todos os que acreditavam permaneciam unidos e conservavam tudo em comum» (At 2, 42-44).

A dimensão comunitária tem um significado teológico: Deus é a relação de Pessoas na Santíssima Trindade; cria o homem na complementaridade relacional entre masculino e feminino, porque «não é bom que o homem esteja só» (Gn 2, 18), coloque-se em relação com o homem e a mulher, chamando-os por sua vez à relação com Ele: como bem intuiu Santo Agostinho, o nosso coração está inquieto enquanto não encontra Deus e descansa n'Ele (cf. *Confissões*, I, 1). O Senhor Jesus deu início ao seu ministério público, convocando um grupo de discípulos para partilhar com Ele a vida e o anúncio do Reino; a Igreja nasce deste pequeno rebanho. Para descrever a vida eterna, a Escritura recorre à imagem de uma cidade: a Jerusalém celeste (cf. Ap 21); uma cidade é uma comunidade de pessoas que compartilham valores, realidades humanas e espirituais fundamentais, lugares, tempos e atividades organizadas, concorrendo para a construção do bem comum. Enquanto os pagãos edificavam templos dedicados apenas à divindade, aos quais as pessoas não tinham acesso, os cristãos, assim que começaram a gozar da liberdade de culto, construíram imediatamente lugares que eram *domus Dei et domus ecclesiae*, onde os fiéis pudessem reconhecer-se como comunidade de Deus, povo chamado para o culto e constituído em assembleia santa. Portanto, Deus pode proclamar: «Eu sou o vosso Deus, vós sereis o meu povo» (cf. *Êx* 6, 7; *Dt* 14, 2). O Senhor permanece fiel à sua Aliança (cf. *Dt* 7, 9) e por isso Israel torna-se *Morada de Deus*, lugar santo da sua presença no mundo (cf. *Êx* 29, 45; *Lv* 26, 11-12). Por isso, a casa do Senhor pressupõe a presença da família dos filhos de Deus. Ainda hoje, na oração da dedicação de uma nova igreja, o Bispo pede que ela seja o que deve ser pela sua natureza: «[...] seja sempre para todos um lugar santo [...].

Aqui a fonte da graça lave as nossas culpas, a fim de que os teus filhos morram para o pecado e renasçam para a vida no teu Espírito.

Aqui a santa assembleia congregada em volta do altar, celebre o memorial da Páscoa e se alimente no banquete da palavra e do corpo de Cristo.

Aqui ressoe alegremente a liturgia de louvor e a voz dos homens se una aos coros dos anjos; aqui se eleve a ti a prece incessante

pela salvação do mundo.

Aqui o pobre encontre misericórdia,

o oprimido obtenha a verdadeira liberdade

e cada homem goze da dignidade dos teus filhos,

até que todos alcancem a plena alegria

na santa Jerusalém celeste».

A comunidade cristã nunca procurou o isolamento e jamais fez da igreja uma cidade de portas fechadas. Formados para o valor da vida comunitária e a busca do bem comum, os cristãos procuraram inserir-se sempre na sociedade, não obstante a consciência acerca da alteridade: estar no mundo sem pertencer ao mundo, sem se reduzir a ele (cf. *Carta a Diogneto*, 5-6). E inclusive na emergência pandêmica sobressaiu um grande sentido de responsabilidade: à escuta e em colaboração com as autoridades civis e os peritos, os Bispos e as suas Conferências territoriais estavam prontos a tomar decisões difíceis e dolorosas, chegando até à prolongada suspensão da participação dos fiéis na celebração da Eucaristia. Esta Congregação está profundamente grata aos Bispos pelo seu compromisso e esforço ao procurar responder da melhor maneira possível a uma situação imprevista e complexa.

Contudo, assim que as circunstâncias o permitirem, é necessário e urgente voltar à normalidade da vida cristã, que tem o edifício da igreja como casa e a celebração da liturgia, de modo particular da Eucaristia, como «a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força» (*Sacrosanctum concilium*, 10).

Conscientes de que Deus nunca abandona a humanidade por Ele criada, e que até as provações mais árduas podem dar frutos de graça, aceitamos o distanciamento do altar do Senhor como um tempo de jejum eucarístico, útil para nos fazer redescobrir a sua importância vital, a sua beleza e a sua preciosidade incomensurável. Mas assim que for possível, é preciso voltar à Eucaristia com o coração purificado, com enlevo renovado, com um desejo crescente de encontrar o Senhor, de estar com Ele, de o receber para o levar aos irmãos mediante o testemunho de



uma vida cheia de fé, amor e esperança.

Este tempo de privação pode proporcionar-nos a graça de compreender o coração dos nossos irmãos mártires de Abitene (início do século IV), que responderam aos seus juizes com serena determinação, até diante de uma sentença de morte certa: «Sine Dominico non possumus». O absoluto *non possumus* (*não podemos*) e a expressividade de significado do neutro substantivado *Dominicum* (*aquilo que é do Senhor*) não podem ser traduzidos com uma única palavra. Uma expressão extremamente concisa sintetiza uma grande riqueza de matices e significados, que hoje são oferecidos à nossa meditação:

— *Não podemos* viver, ser cristãos, realizar plenamente a nossa humanidade e os desejos de bem e de felicidade que habitam o nosso coração, *sem a Palavra do Senhor*, que na celebração adquire forma tornando-se palavra viva, dirigida por Deus àqueles que hoje abrem o coração à escuta;

— *Não podemos* viver como cristãos *sem participar no Sacrifício da Cruz*, no qual o Senhor Jesus se entrega sem reservas para salvar, mediante a sua morte, o homem que estava morto por causa do pecado; o Redentor associa a si a humanidade, reconduzindo-a ao Pai; no abraço do Crucificado todo o sofrimento humano encontra luz e conforto;

— *Não podemos* *sem o banquete da Eucaristia*, mesa do Senhor à qual somos convidados como filhos e irmãos para receber o próprio Cristo Ressuscitado, presente em corpo, sangue, alma e divindade, naquele Pão do Céu que nos sustenta nas alegrias e dificuldades da peregrinação terrena;

— *Não podemos* *sem a comunidade cristã*, a família do Senhor: necessitamos de encontrar os irmãos que partilham a filiação de Deus, a fraternidade de Cristo, a vocação e a busca

da santidade e da salvação das suas almas, na abundante diversidade de idades, histórias pessoais, carismas e vocações;

— *Não podemos* *sem a casa do Senhor*, que é a nossa casa, sem os lugares santos onde nascemos para a fé, onde descobrimos a presença providente do Senhor e encontramos o abraço misericordioso que volta a erguer quantos caíram, onde consagramos a nossa vocação ao seguimento religioso ou ao casamento, onde suplicamos e demos graças, onde nos alegamos e choramos, onde confiamos ao Pai os nossos entes queridos que completaram a peregrinação terrena;

— *Não podemos* *sem o dia do Senhor*, sem o Domingo, que confere luz e sentido à sucessão dos dias de trabalho e das responsabilidades familiares e sociais.

Embora os meios de comunicação social prestem um atendimento valioso aos doentes e a quantos não podem ir à igreja, e tenham oferecido um grande serviço na transmissão da Santa Missa durante o período em que não havia a possibilidade de celebrar em comunidade, nenhuma transmissão é comparável com a participação pessoal nem pode substituí-la. Aliás, sozinhas, estas transmissões correm o risco de nos afastar de um encontro pessoal e íntimo com o Deus encarnado que se ofereceu a nós não de modo virtual, mas realmente, dizendo: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele» (Jo 6, 56). Este encontro físico com o Senhor é vital, indispensável, insubstituível. Uma vez identificadas e adotadas as medidas concretas para reduzir ao mínimo o contágio do vírus, é necessário que todos retomem o seu lugar na assembleia dos irmãos, redescubram a preciosidade e a beleza insubstituíveis da celebra-

«Quando se perde um filho, não há adjetivos. A perda de um filho é impossível de “adjetivar”. Perdi o filho: o que sou? Não, não sou órfão nem viúvo... E esta é a vossa grande tristeza», disse o Papa — com um acréscimo improvisado ao discurso preparado — ao receber em audiência as famílias das seis vítimas da tragédia que ocorreu na discoteca de Corinaldo (Itália), na noite de 8 de dezembro de 2018. No final do comovedor encontro — realizado na manhã de 12 de setembro, na Sala do Consistório — o Papa pediu aos presentes que recitassem juntos uma “Ave-Maria” por Asia, Benedetta, Daniele, Emma, Mattia e Eleonora.



O Pontífice recebeu os familiares das vítimas da tragédia de Corinaldo

Estimados irmãos e irmãs!

Obrigado por terdes vindo partilhar comigo também a vossa dor e oração. Lembro-me que quando a tragédia aconteceu, fiquei abalado. Mas com o passar do tempo — e infelizmente com a sucessão de muitas, demasiadas tragédias humanas — corremos o risco de esquecer. Este encontro ajuda a mim e à Igreja a não esquecer, a conservar no coração, e sobretudo a confiar os vossos entes queridos ao coração de Deus Pai.

Cada morte trágica traz consigo grande dor. Mas quando rapta cinco adolescentes e uma jovem mãe, é imenso, insuportável sem a ajuda de Deus. Não entro no mérito das causas que determinaram os acidentes naquela discoteca onde morreram os vossos familiares. Mas uno-me de todo o coração ao vosso sofrimento e ao vosso legítimo desejo de justiça.

Também gostaria de vos dizer uma palavra de fé, consolação e esperança.

Corinaldo, o lugar da tragédia, situa-se num território sobre o qual Nossa Senhora de Loreto vigia: o seu Santuário não fica longe. E por isso quero — queremos — pensar que ela, como Mãe, nunca desviou o seu olhar deles, especialmente naquele momento de confusão dramática; que os tenha acompanhado com a sua ternura. Quantas vezes a invocaram na Ave-Maria: “Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte!” E mesmo que naqueles momentos caóticos eles não tenham sido capazes de o fazer, Nossa Senhora não esquece, não esquece as nossas súplicas: é Mãe. Ela acompa-

nhou-os certamente ao abraço misericordioso do seu Filho Jesus.

Esta tragédia aconteceu durante a noite, na madrugada de 8 de dezembro de 2018, festa da Imaculada. Naquele mesmo dia, no final da recitação do *Angelus*, rezei com o povo pelas jovens vítimas, pelos feridos e por vós, familiares. Sei que muitos, a começar pelos vossos Bispos, aqui presentes, os vossos sacerdotes e as vossas comunidades, vos têm apoiado com oração e afeto. A minha oração por vós também continua, e eu acompanho-a com a minha bênção.

Quando perdemos um pai ou uma mãe, somos órfãos. Existe um

adjetivo: órfão, órfã. Quando no matrimónio se perde um cônjuge, quem permanece é viúvo ou viúva. Também neste caso há um adjetivo. Mas quando se perde um filho, não há adjetivo. A perda de um filho é impossível de “adjetivar”. Perdi o filho: o que sou...? Não, eu não sou órfão nem viúvo. Perdi um filho. Sem adjetivos. Não existe. E esta é a vossa grande tristeza.

Agora gostaria de recitar convosco a Ave-Maria por Asia, Benedetta, Daniele, Emma, Mattia e Eleonora.

[Ave Maria...]

[Bênção]

Não há adjetivos para a morte de um filho

Carta aos presidentes das Conferências episcopais sobre a celebração da liturgia durante e após a pandemia de Covid-19

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

ção, convoquem e atraíam com o contágio do entusiasmo os irmãos e irmãs desanimados, assustados, há demasiado tempo ausentes ou distraídos.

Este Dicastério tenciona reiterar alguns princípios e sugerir determinadas linhas de conduta, para promover um regresso rápido e seguro à celebração da Eucaristia.

A devida atenção às normas de higiene e de segurança não pode levar à esterilização dos gestos e dos ritos, à indução, até inconsciente, do medo e da insegurança nos fiéis.

Confia-se na ação prudente mas firme dos Bispos, para que a participação dos fiéis na celebração da Eucaristia não seja reduzida pelas autoridades públicas a uma “aglomeração” nem comparável ou até subordinável a formas de agregação recreativas.

As normas litúrgicas não são matéria sobre a qual possam legislar as autoridades civis, mas apenas as competentes autoridades eclesiais (cf. *Sacrosanctum concilium*, 22).

A participação dos fiéis nas celebrações deve ser facilitada, mas sem experimentações rituais improvisadas e no pleno respeito pelas normas, contidas nos livros litúrgicos, que regulam a celebração. Na liturgia, experiência de sacralidade, de santidade e de beleza que transfigura, antecipa-se a harmonia da bem-aventurança eterna: portanto, deve-se cuidar da dignidade dos lugares, dos objetos sagrados, das modalidades da celebração, de acordo com as indicações fidedignas do Concílio Vaticano II: «Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade» (*Sacrosanctum concilium*, 34).

Que, segundo as modalidades previstas, aos fiéis seja reconhecido o direito de receber o Corpo de Cristo e de adorar o Senhor presente na Eucaristia, sem limitações que vão até além do que está previsto pelas normas de higiene emanadas pelas autoridades públicas ou pelos Bispos.

Na celebração eucarística os fiéis adoram a presença de Jesus Ressuscitado; e vemos que com grande facilidade se perde o sentido da adoração, a prece de adoração. Pedimos

aos Pastores que, nas suas catequeses, insistam sobre a necessidade da adoração.

Um princípio seguro para não errar é a obediência. Obediência às normas da Igreja, obediência aos Bispos. Em tempos de dificuldade (por exemplo, pensemos nas guerras, nas pandemias), os Bispos e as Conferências episcopais podem estabelecer regulamentos provisórios aos quais se deve obedecer. A obediência salvaguarda o tesouro confiado à Igreja. Estas medidas ditadas pelos Bispos e Conferências episcopais caducam quando a situação voltar à normalidade.

A Igreja continuará a amparar a pessoa humana na sua totalidade. Ela dá testemunho da esperança, convida a confiar em Deus, recorda que a existência terrena é importante, mas muito mais importante é a vida eterna: partilhar a própria vida com Deus para a eternidade é a nossa meta, a nossa vocação. Esta é a fé da Igreja, testemunhada ao longo dos séculos por pléiades de mártires e de santos, um anúncio positivo que liberta de reducionismos unidimensionais, das ideologias: à devida

preocupação pela saúde pública, a Igreja une o anúncio e o acompanhamento rumo à salvação eterna das almas. Portanto, continuemos a confiar-nos firmemente à misericórdia de Deus, a invocar a intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, *salus infirmorum et auxilium christianorum*, por todos aqueles que são duramente provados pela pandemia e qualquer outra aflição; perseveremos na oração por quantos deixaram esta vida; e, ao mesmo tempo, renovemos o propósito de ser testemunhas do Ressuscitado e anunciadores de uma esperança segura, que transcende os limites deste mundo.

Vaticano, 15 de agosto de 2020, Solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Na Audiência concedida a 3 de setembro de 2020 ao abaixo assinado Cardeal Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, o Sumo Pontífice Francisco aprovou a presente Carta e determinou a sua publicação.

Robert Cardeal Sarah
Prefeito

Prot. n.432/20

Em viagem pelos grandes santuários que em todo o mundo devem confrontar-se com a pandemia

Em Aparecida, a oração nunca parou

Aviso: a viagem que estamos prestes a fazer pode ter alguns efeitos secundários. E até algumas surpresas. Porque descobrir como a pandemia está a mudar profundamente a vida dos santuários em todo o mundo e como tem forçado as peregrinações a mudar de forma e consistência, pode causar algum pequeno transtorno, alguma compreensível desilusão. Mas não irá certamente obscurecer a esperança e o otimismo gerados pelo conhecimento de que milhões de fiéis não abandonaram as pequenas ou grandes comunidades ao redor destes lugares santos, apoiando-as de todas as formas e com todos os meios. Mesmo estando a distâncias siderais uns dos outros. Das Américas à Europa, passando pela Ásia, os santuários que visitaremos procurarão contar o impacto do vírus no seu acolhimento, na sua pastoral, na sua precária economia. E eles tentarão desenhar um possível futuro próximo. A primeira etapa é o Brasil.

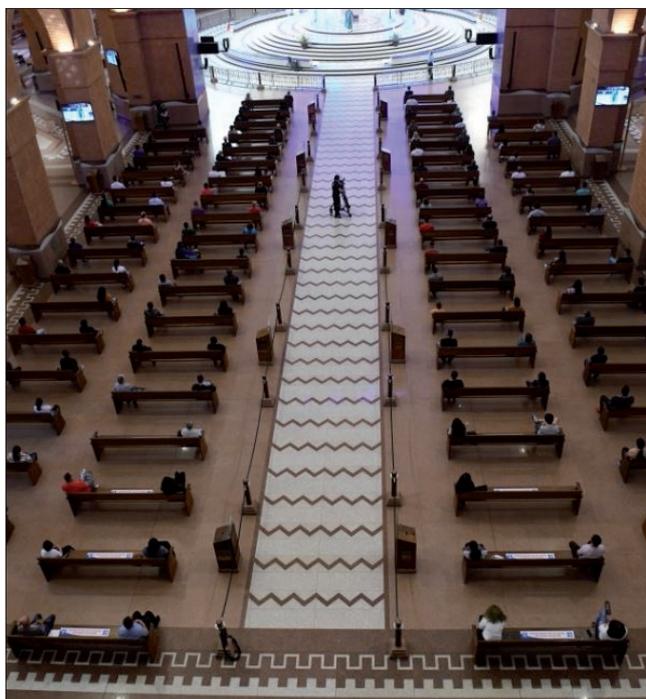
FEDERICO PIANA

No Estado de São Paulo existe o município de Aparecida, com apenas 35 mil habitantes. Ali ergue-se majestosamente a basílica de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do país. De acordo com os dados mais recentes, a estrutura detém a primazia de um dos santuários mais visitados do mundo: antes da crise sanitária, 13 milhões de peregrinos atravessavam todos os anos o seu limiar. Num único fim de semana, registavam-se 200.000. As celebrações eucarísticas eram muito participadas, numa igreja onde até 20 mil fiéis podiam assistir à Santa Missa. «Hoje tudo se tornou um deserto», admite o padre José Ulysses da Silva, porta-voz do santuário. «Já não podemos permitir — explicou desolado — a chegada de peregrinações organizadas. Agora, com a reabertura após o confinamento e no respeito do protocolo para a saúde, podemos acolher no máximo mil peregrinos por dia. Um número verdadeiramente simbólico, de mera representação».

Em vez dos milhares de autocaros de fiéis, muitas vezes estrangeiros, o santuário voltou a encher-se de famílias locais, que redescobriram a oração e a participação nos sacramentos. As grandes peregrinações, no entanto, não serão realizadas durante muito tempo, talvez possam recomeçar por completo com a chegada de uma vacina eficaz. Entretanto, são precisamente os responsáveis pelo santuário que desencorajam a

chegada de grupos organizados: «Fazemo-lo — disse o porta-voz do santuário — pedindo a todos aqueles que gostariam de vir, que rezem onde estão, que não se ponham a caminho para chegar a Aparecida. Nós sacerdotes temos medo, não nos sentimos seguros em acolher tanta gente e não queremos que os nossos fiéis sofram qualquer dano». A única forma de responder às necessidades espirituais dos peregrinos continua a ser a utilização dos meios de comunicação do santuário, que durante o lockdown se demonstraram os instrumentos ideais para acompanhar, apoiar e encorajar. «Durante o lockdown — explicou José Ulysses da Silva — as celebrações foram transmitidas pela nossa televisão, rádio e redes sociais: a participação do povo aumentou vertiginosamente. Naquele momento, para permitir a participação de todos, multiplicámos as missas».

A festa da Virgem de Aparecida, que será celebrada a 12 de outubro próximo e que está no coração de todos os brasileiros, será realizada sobretudo de forma virtual, mesmo que seja permitida uma pequena participação física no santuário. Neste caso, prevê-se que as redes sociais vão ser literalmente invadidas porque a oração, neste tempo dramático, nunca diminuiu. «Pelo contrário — afirmou José Ulysses da Silva — aumentou. As pessoas sentem a presença viva de Nossa Senhora. A Virgem de Aparecida sempre foi vista como Nossa Senhora dos pobres,



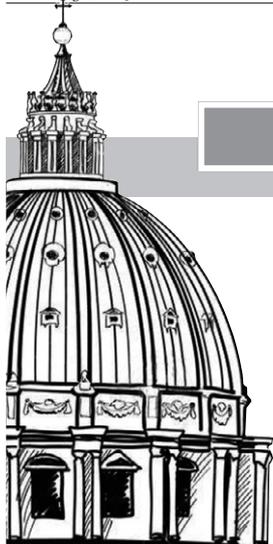
dos negros, do povo atingido pelas dificuldades da vida. E ninguém jamais pensou que a pandemia fosse um castigo divino. As pessoas vêm ao santuário para agradecer a Nossa Senhora e para mostrar confiança nela». Uma confiança sem limites, se calcularmos que todos os dias há centenas de intenções de oração que muitas pessoas enviam para o santuário, também por telefone, que toca incessantemente mesmo durante a noite. Os sacerdotes, para estarem ainda mais próximos dos fiéis, celebram semanalmente uma missa para recordar as vítimas da pandemia e aqueles que não puderam ter uma digna sepultura por causa do confinamento. Um momento muito aguardado e apreciado.

A propagação do vírus está também a mudar a dimensão social e económica do santuário e da cidade de Aparecida. Ambos vivem das receitas geradas pelas peregrinações e a sua inatividade prolongada está a lançar grandes sectores numa crise profunda: dos hotéis aos transportes, dos restaurantes às simples lojas de lembranças. Só a basílica emprega mais de 2.000 pessoas, um terço das quais se encontra agora em casa. «Não poderíamos fazer de outro modo, comentou José Ulysses da Silva, perdemos as ofertas dos peregrinos e as nossas lojas internas estão fechadas. Um drama para muitas famílias que vivem apenas disto».

Para não fazer precipitar a situação, há os devotos que, de todo o mundo, aliviam o sofrimento económico do santuário com as suas ofertas. José Ulysses da Silva relatou: «Graças a Deus, permaneceram muito fiéis e estão a ajudar-nos. São eles que nos permitem manter a rádio e a televisão e apoiar os colaboradores. Sem este grande empenho, não poderíamos fazer nada».

No final da primeira etapa desta viagem aos santuários do mundo atingidos pela violência do vírus, um dado parece incontroverso: se a organização e a estrutura da basílica de Nossa Senhora Aparecida teve necessariamente de se curvar às alteradas necessidades sanitárias, não foi por causa da sua essência íntima, à qual permaneceu fiel. O aumento da oração, da solidariedade, da compaixão e do apoio mútuo, é testemunho de como o santuário está a sair vitorioso da batalha contra a pandemia. Uma batalha difícil mas sem dúvida não impossível que certamente também diz respeito a outros lugares santos que procuraremos narrar. A viagem continua.





INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 10 de setembro

Os Senhores Cardeais Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé; Jean-Claude Hollerich, Arcebispo de Luxemburgo (Luxemburgo), Presidente da Comissão dos Episcopados da União Europeia (COMECE); e Antonio María Rouco Varela, Arcebispo Emérito de Madrid (Espanha); e D. Bertram Johannes Meier, Bispo de Augsburg (Alemanha).

No dia 11 de setembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Rahman Farhan Abdullah Al-Ameri, Embaixador do Iraque, para a apresentação das Cartas Credenciais.

O Senhor Cardeal Lorenzo Baldisseri, Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos; e D. Adriano Bernardini, Núncio Apostólico.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Joseph Kojo Akudibillah, Embaixador do Gana, em visita de despedida.

No dia 12 de setembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e D. Jean-Crippin Kimbeni Ki Kanda, Bispo Titular Eleito de Dragonara, Auxiliar de Kinshasa (República Democrática do Congo), com os Familiares.

No dia 14 de setembro

D. Giorgio Demetrio Gallaro, Arcebispo Titular de Tricala, Secretário da Congregação para as Igrejas Orientais.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

A 10 de setembro

De D. Denis Wiehe, C.S.S.p., ao governo pastoral da Diocese de Port Victoria o Seychelles (Seychelles).

A 14 de setembro

De D. Ioannis Spiteris, O.E.M. Cap., ao governo pastoral da Arquidiocese Metropolitana de Corfu, Zante e Cefalônia, e ao cargo de Administra-

dor Apostólico "ad nutum Sanctae Sedis" do Vicariato Apostólico de Thessaloniki (Grécia).

A 15 de setembro

Do Senhor Cardeal Lorenzo Baldisseri, ao cargo de Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos.

De D. Felipe Padilla Cardona, ao governo pastoral da Diocese de Ciudad Obregón (México).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

No dia 10 de setembro

Bispo da Diocese de Port Victoria o Seychelles (Seychelles), D. Alain Harel, até esta data Vigário Apostólico de Rodrigues (Maurícia).

No dia 11 de setembro

Bispo da Diocese de Gweru (Zimbábue), D. Rudolf Nyandoro, até agora Bispo de Gokwe.

Bispos Auxiliares da Arquidiocese Metropolitana de Chicago (Estados Unidos da América):

– o Rev.^{do} Pe. Jeffrey S. Grob, do clero da mesma Sede, até hoje Vigário Judicial, simultaneamente eleito Bispo Titular de Abora.

D. Jeffrey S. Grob nasceu a 19 de março de 1961, em Madison, Wisconsin (EUA), e foi ordenado Sacerdote no dia 23 de maio de 1992.

– o Rev.^{do} Pe. Kevin M. Birmingham, do clero da mesma Sede, até à presente data Secretário administrativo do Senhor Cardeal Blase J. Cupich, Arcebispo Metropolitano

de Chicago, simultaneamente eleito Bispo Titular de Dolia.

D. Kevin M. Birmingham nasceu no dia 10 de outubro de 1971, em Oak Lawn, Arquidiocese de Chicago (EUA), e recebeu a Ordenação sacerdotal em 24 de maio de 1997.

– o Rev.^{do} Pe. Robert J. Lombardo, C.F.R., Membro da Congregação dos Franciscan Friars of the Renewal, até agora Vigário forâneo do Decanato III-A e Diretor do «Our Lady of the Angels Mission Center» em Chicago, simultaneamente eleito Bispo Titular de Munatiana.

D. Robert J. Lombardo, C.F.R., nasceu a 4 de setembro de 1957, em Stamford, Diocese de Bridgeport, Connecticut (EUA). Emitiu os votos perpétuos na ordem dos Frades menores capuchinhos em 1986 e foi ordenado Presbítero no dia 12 de maio de 1990.

No dia 12 de setembro

Bispo da Diocese de Bougainville (Papua-Nova Guiné), D. Dariusz Piotr Kaluza, M.S.F., até agora Bispo de Goroka.

Bispo da Diocese de Querétaro (México), D. Fidencio López Plaza, até esta data Bispo de San Andrés Tuxtla.

No dia 14 de setembro

Arcebispo Metropolitano de Corfu, Zante e Cefalônia, e Administrador Apostólico do Vicariato Apostólico de Thessaloniki (Grécia), o Rev.^{do} Pe. Georgios Altouvas, até hoje Pároco da Catedral de São Dionísio, em Atenas.

D. Georgios Altouvas nasceu em Atenas, na Grécia, no dia 28 de setembro de 1973 e recebeu a Ordenação presbital a 3 de outubro de 1998.

No dia 15 de setembro

Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, D. Mario Grech, Bispo Emérito

da Diocese de Gozo, até hoje Pró-Secretário-Geral do Sínodo.

Bispo da Diocese de Ciudad Obregón (México), D. Rutilo Felipe Pozos Lorenzini, até à presente data Bispo Titular de Satafis e Auxiliar de Puebla.

Administrador Apostólico "sede vacante" da Diocese de Nikopol (Bulgária), o Rev.^{mo} Mons. Strahil Veselinov Kavalenov, até agora Vigário-Geral da mesma Circunscrição.

Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

A 14 de setembro

D. Petko Jordanov Christov, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, Bispo da Diocese de Nikopol, na Bulgária.

O saudoso Prelado nasceu no dia 9 de outubro de 1950, em Velchevo, Diocese de Nikopol (Bulgária). Foi ordenado Sacerdote em 15 de outubro de 1985 e recebeu a Ordenação episcopal a 6 de janeiro de 1995.

Igrejas Orientais Católicas

O Sínodo dos Bispos da Igreja Patriarcal de Antioquia dos Sírios elegeu Exarca de Bagorá e Golfo, na Iraque, o Rev.^{do} Pe. Firas Mundher, DRDR, a quem o Santo Padre tinha concedido o seu Consentimento, simultaneamente eleito Bispo Titular de Tagritum, Takrit dos Sírios.

D. Firas Mundher, DRDR, nasceu em Qaraqosh (Iraque), a 3 de janeiro de 1975, e foi ordenado Sacerdote no dia 30 de abril de 2009.

Início de missão de núncio apostólico

De D. Celestino Migliore, Arcebispo Titular de Canosa, na França (27 de agosto).

Novo embaixador do Iraque apresentou credenciais



A 11 de setembro, o Papa Francisco recebeu Sua Excelência o senhor Rahman Farhan Abdullah Al-Ameri, novo embaixador do Iraque, por ocasião da apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé

Sua Excelência o senhor Rahman Farhan Abdullah Al-Ameri, novo embaixador do Iraque junto da Santa Sé, nasceu em Diyala a 1 de janeiro de 1962.

É casado. Licenciou-se em química na Universidade estatal de Bagdad (1983) e ensinou essa disciplina até 1986. Desempenhou, entre outros, os seguintes cargos: funcionário administrativo, primeiro no ministério da Juventude e do Desporto (2004-2005) e depois no ministério dos Negócios estrangeiros (2005-

2006); diplomata da embaixada em Mascate, Omã (2006-2010); diretor da secção do Golfo Pérsico e Médio Oriente e depois vice-diretor do departamento para os Países Árabes no ministério dos Negócios estrangeiros (2010-2014); cônsul-geral em Manchester, Reino Unido (2014-2018); vice-diretor e depois diretor do departamento para as Organizações e Congressos internacionais no ministério dos Negócios estrangeiros (2018-2020).

ANGELUS

Apelo do Pontífice

Formar os jovens no cuidado da dignidade humana e da casa comum

«As novas gerações sejam formadas para o cuidado da dignidade humana e da casa comum». No final do Angelus de domingo, 20 de setembro, data em que na Itália se celebrava o Dia da universidade católica do Sagrado Coração, o Papa manifestou este desejo, encorajando o trabalho de formação levado a cabo por esta instituição académica. Precedentemente, o Santo Padre propôs aos fiéis reunidos na praça de São Pedro uma reflexão sobre o trecho evangélico da liturgia dominical (Mt 20, 1-16), dedicado à parábola dos trabalhadores da vinha.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A página do Evangelho de hoje (cf. Mt 20, 1-16) narra a parábola dos trabalhadores contratados ao dia pelo dono da vinha. Através desta narração, Jesus mostra-nos a surpreendente maneira de agir de Deus, representada por duas atitudes do proprietário: a chamada e a recompensa.

Primeiro a chamada. Cinco vezes o proprietário de uma vinha vai à praça e chama para trabalhar para ele: às seis, nove, doze, três e cinco da tarde. É comovedora a imagem deste proprietário que vai várias vezes à praça à procura de trabalhadores para a sua vinha. Esse proprietário representa Deus que chama todos e chama sempre, a toda a hora. Deus também age desta forma hoje: Ele continua a chamar todos, a qualquer hora, e convida a trabalhar no Seu Reino. Este é o estilo de Deus, que por nossa vez somos chamados a aceitar e imitar. Ele não está fechado no seu mundo, mas “sai”: Deus está sempre em saída, à nossa procura; Ele não está fechado: Deus sai. Ele sai continuamente à nossa procura, porque não quer que ninguém seja excluído do seu desígnio de amor.

Também as nossas comunidades são chamadas a sair dos vários tipos de “fronteiras” que possam existir, para oferecer a todos a palavra de salvação que Jesus veio trazer. É uma questão de abertura a horizontes de vida que ofereçam esperança àqueles que estão estacionados nas periferias existenciais e ainda não experimentaram, ou perderam, a força e a luz do encontro com Cristo. A Igreja deve ser como Deus: sempre em saída; e quando a Igreja não está em saída, adoce com os tantos males que temos na Igreja. E por que há estas doenças na Igreja? Porque não está em saída. É verdade que quando saímos há o perigo de um acidente. Mas é melhor uma Igreja acidentada, por sair, por anunciar o Evangelho, do que uma Igreja que está doente por fechamento. Deus sai sempre, porque é Pai, porque ama. A Igreja deve fazer o mesmo: sempre em saída.

A segunda atitude do proprietário, que representa a de Deus, é a sua forma de recompensar os trabalhadores. Como paga Deus? O proprietário concorda «um denário» (v. 2) com os primeiros trabalhadores contratados pela manhã.



Àqueles que começaram mais tarde, ele diz: «tereis o salário que for justo» (v. 4). No final do dia, o dono da vinha manda dar a todos o mesmo pagamento, ou seja, um denário. Àqueles que trabalharam desde a manhã ficam indignados e lamentam-se contra o proprietário, mas ele insiste: quer dar a máxima recompensa a todos, mesmo aos que chegaram por último (vv. 8-15). Deus paga sempre o máximo: não paga só metade. Paga tudo. E aqui compreende-se que Jesus não fala do trabalho nem do salário justo, que é outro problema, mas do Reino de Deus e da bondade do Pai celeste que continuamente sai para convidar e paga o máximo a todos.

De facto, Deus comporta-se desta forma: não olha para o tempo nem para os resultados, mas para a disponibilidade, olha para a generosidade com a qual nos colocamos ao Seu serviço. A sua ação é mais do que justa, no sentido de que vai além da justiça e manifesta-se na Graça. Tudo é Graça. A nossa salvação é Graça. A nossa santidade é Graça. Ao conceder-nos a Graça, Ele dá-nos mais do que merecemos. E assim, quem raciocina com lógica humana, isto é, a de mérito adquirido com a própria habilidade, de primeiro torna-se último. “Mas, trabalhei tanto, fiz tanto na Igreja, ajudei tanto, e sou pago da mesma forma que este que veio por último”. Recordemos quem foi o primeiro santo canonizado na Igreja: o Bom Ladrão. Ele “roubou” o Céu no último momento da sua vida: isto é Graça, assim é Deus. Também com todos nós. Por outro lado, aqueles que procuram pensar nos próprios méritos falham; aqueles que humildemente se confiam à misericórdia do Pai, de últimos, — como o Bom Ladrão — acabam por ser os primeiros (cf. v. 16).

Que Maria Santíssima nos ajude a sentir todos os dias a alegria e a admiração de sermos chamados por Deus a trabalhar para Ele, no

Seu campo que é o mundo, na Sua vinha que é a Igreja. E ter como nossa única recompensa o seu amor, a amizade com Jesus.

No final da prece mariana, antes de falar sobre o Dia da universidade católica, o Papa Francisco exortou os pastores e fiéis húngaros a preparar-se espiritualmente para o Congresso eucarístico internacional, que deveria realizar-se em Budapeste nestes dias, mas devido à pandemia foi adiado para o próximo ano.

Queridos irmãos e irmãs!

De acordo com os programas feitos antes da pandemia, nos dias passados deveria ter sido realizado o Congresso Eucarístico Internacional em Budapeste. Por esta razão, desejo dirigir as minhas saudações aos Pastores e fiéis da Hungria e a todos aqueles que esperavam com fé e alegria por este evento eclesial. O Congresso foi adiado para o próximo ano, de 5 a 12 de setembro, novamente em Budapeste. Continuemos, unidos espiritualmente, o caminho de preparação, encontrando na Eucaristia a fonte da vida e da missão da Igreja.

Hoje, em Itália, é o dia da Universidade Católica do Sagrado Coração. Encorajo o apoio a esta importante instituição cultural, chamada a dar continuidade e novo vigor a um projeto que tem sido capaz de abrir as portas do futuro a muitas gerações de jovens. É importante como nunca que as novas gerações sejam formadas para cuidar da dignidade humana e da casa comum.

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos de vários países: famílias, grupos paroquiais, associações e fiéis.

Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

